

—O Dr. Armando de Abreu publicou na República de 19-3-40 uma importante nota intitulada «Audi nos...». Destacamos: «Recentemente, o Diário de Notícias inseriu na sua secção de «Oferecem-se» estes dois anúncios: «Chauffeurs»—Para casa particular. Também têm carta de médico. Resposta ao Rocio, 11, ao n.º 326». O outro anúncio diz: «Médico—Aceita qualquer emprego, mesmo fora da sua profissão. Carta ao Rossio, 11, ao n.º 434».

—Supondo que o romance Galbeus, de Alves Redol, teria sido editado por nós, muitos leitores se nos teem dirigido para que lho enviemos à cobrança. Participamos-lhes que a casa distribuidora daquêle belo comêço da nossa literatura contemporânea, é a Livraria Portuguesa, Rua do Carmo, 75—Lisboa. O seu preço é de 12\$00.

—O artigo A Estrutura da Matéria, de J. O. Bernal, publicado no n.º anterior e neste, foi traduzido directamente da revista «The modern quarterly», que desempenha na Inglaterra o mesmo papel que «La Pensée» se propõe desempenhar em França. Dirigida por uma brilhante equipa de professores, cientistas e sábios, em que se contam Bernal, Blackett, Le Gros Clark, Gordon Childe, Clemens Dutt, B. Farrington, Haldane, H. J. Laski, H. Levy, Chalmers Mitchell, Needham, Roy Pascal, Erich Roll, Susan Stebbing, George Thomson e B. Woolf, «The modern quarterly» conta dois anos de publicação e tem publicados fascículos de cerca de 90 páginas. J. O. Bernal é autor de um livro notável intitulado *The social function of Science* e é professor de Física no Birkbeck College.

—Já regressou do Rio de Janeiro o nosso camarada de redacção Afonso Ribeiro.

—Armando Ventura Ferreira, no jornal «A Mocidade», de Ponte de Sôr, publicou um Documentário em que explica dum maneira objectiva, a tendência actual da cultura portuguesa e em que faz menção especial ao papel da nossa revista. O mesmo jornal tem publicado alguns artigos, integrando-se assim no verdadeiro papel que a imprensa da provincia deve desempenhar.

—Também o «Jornal de Ilhavo», publica uma página cultural e outra de literatura e critica, que merecem aplausos.

—O Feminino Atlético Clube desta cidade, numa realização desportiva que devia generalizar-se—acaba de criar o prémio anual «Violeta Abeillard Correia», que será concedido à melhor atleta, sob os pontos de vista fisico e intelectual.

—Muitos dos nossos poetas esganicam-se em frivolidades, as mais tôlas e lorpas, e julgam-se deuses, nada menos. Não há noite de luar que não tenha o seu cantor, não há passarinho que vaa, peixe singrando, simples minhoca no seio da terra, nem amores de gata aluada, que não sejam cantados quasi diariamente. Cantam-se as tísicas de cada qual, cantam-se crimes e traições e baixezas, cantam-se as maiores trivialidades e coisas as mais conhecidas, repetidas, cediças; não há tolice, nem «estado de alma», nem histerismo de reprimidos, nem contemplação de patetas, que não seja miado em estrofes. E ninguém cantou ainda e bastante os assuntos mais sérios que há para cantar.

crítica

Maresia

por — RAUL FARIA

O Sr. Raul Faria pretende, com este livro, dar-nos um «romance sobre costumes povéiros». Surgindo quasi a-par de «Galbeus» que tam prometedoras perspectivas abre ao futuro do romance português, «Maresia», embora de autor quasi desconhecido, veio despertar um bem natural interesse da parte de alguns sectores do publico. Tratar-se-lá talvez de mais uma obra onde tomassem vulto as paupizações obscuras da vida popular? Em que encontrássemos, interpretadas por uma sensibilidade actual, figuras reais, movendo-se dentro do ritmo demarcado pelas condições do ambiente? Tanto mais que a existencia dos pescadores constitua já tema central duma das mais conhecidas obras do moderno romance brasileiro—esse admiravel «Mar Morto» de Jorge Amado. Estariamos em face do *Mar Morto* da nossa gente do mar?...

Nada disso porém se verificou. De «Maresia» pouco mais se aproveitou do que o titulo. A expressão *costumes povéiros*, no cabeçalho do livro era já por si mesma de molde a lançar-nos suspeitas, sabida qual a accepção em que, entre nós, é vulgarmente tomada a palavra *costumes*. Atribue-se-lhe, em geral, o sentido de tudo aquilo que, na vida do povo, há de formal, de superficial, de exterior e aparente. Não nos venham falar de *costumes* que não estejamos já a ver toda a tremenda farça do «regionalismo»: os filmes do Sr. Leitão de Barros, as filarmónicas bairristas, os ranchos regionais estilizados, a mistificação dos trajos à *vianesa*, o folclore deturpado. Tomam-se assim aspectos da vida popular, destacando-os do seu sentido real, aformoselam-se e *pucham-se à sustância* para efeitos de propaganda e turismo. Depois apresentam-se como uma glorificação, uma imagem dourada das delicias da vida camponesa, de alegria fiotícia e outras banalidades semelhantes que constituem o orgulho da mediocridade e assunto inesgotável de incipientes literatos. No caso dos povéiros, é hábito apresentarem-nos belas estampas de *fortes lobos do mar* com boina, cachimbo e fabo branco duma alvura impecável a que não faltam nunca as medalhas a cobrirem o pelto—símbolo de tantas outras vidas conquistadas ao mar. Na melhor das hipó-

teses, será esta a imagem duma amarga noceira piscatória que Antonio Graça refere na sua monografia bem digna de relevo «O Povoado», noceira essa hoje empodrecida ao nível geral. Mas objectivamente apenas representa uma luguração com que o idealismo romancista a realidade e que, em confronto com a amarga existencia dos bravos lobos do mar de carne e osso e pescadores de pacalhau, bem pode parecer duma cruel ironia.

Vejamos porém o que nos diz «Maresia». Não podemos acusar o Sr. Raul Faria de, por uma falta de informação da verdadeira realidade, ir buscar em imagens illusórias que ao seu conhecimento se apresentassem, assumio para o livro que escreveu. Muito pelo contrario, a cada passo o autor se revela um conneccor detalhado do meio, o que lhe vem ainda acentuar as responsabilidades. (Conhece-o em portmenor, não em profundidade, já se verá porque.) Estando de posse, como parece, de todos os elementos documentais indispensaveis para escrever uma obra de vulto, ao Sr. R. F. faltaram qualidades de escritor, o dominio do género que escolheu e sobretudo uma posição desprevenida e humana. Aos dados que reúne sobrepõe uma mentalidade de *turista*, incapaz de se abstrair da própria personalidade para se identificar com as dos seus personagens, passando a viver deles e só por eles. Quando quis descrever costumes, limitou-se a apresentar ou frios documentos isolados e portanto sem sentido, porque desintegrados do ambiente social, ou aspectos pitorescos, demasiado pitorescos mesmo, se os compararmos com a realidade. O autor reconhece que as casas dos pescadores cheiram mal, «a óleo podre e carangueijo queimado»? Mas, se é *característico*... Contudo vai confessando que «não é muito agradável entrar numa rua de pescadores» (pág. 9). Ele bem sabe que «qualquer tigela véllha remedela (ao povéiro) e uma esburacada enxerga, de palha esfarelada, dá repouso ao corpo, exausto de trabalho, que se cobre, mesmo no rigor do inverno, com uma manta poida pelo uso»; e que «envelhece cedo à força do trabalho e do mau passado». Mas

certamente não deixa de reconhecer que tudo isto são hábitos!

E «não reflete na sua pobreza nem tem aspirações»; «pece resignadamente, sem uma revolta, não porque sinta a sua desventura» (1—pág. 59). Há muitos casos destes pelo livro, que ocioso se tornaria citar. Tudo porém nos é apontado por uma forma que nos leva à convicção de que o autor não faz sequer uma idéa das características do romance contemporaneo. De inicio, chega a dar a impressão de que o enredo da obra não é mais que um pretexto de que o escritor lança mão para nos descrever—e mal!—directamente *costumes*. Porque o Sr. R. F. não deixa que os seus personagens vivam uma existencia propria e não calcula sequer como é feita acção intrinseca de se não é lá com os outros... Constantemente se serve deles, ora para nos fazer presenciar um casamento, ora para assistirmos a uma romaria, a uma procissão, a brigas, à venda do peixe, ao S. João ou qualquer outro quadro que nos pretenda dar. Muitas vezes, atribue-lhes sentimentos, qualidades, attitudes que surgem estranhas, como impostas, no decorrer da acção (pág. 144: «Estava feito o negócio; com pouco se contenta esta gente *pedinchona* mas *prestável e dócil*»). E até os sentimentos centrais, que norteiam o desenvolvimento do entredo, nos aparecem como concebidos em abstracto pelo autor, talhados pelo figurino dos amores dos romances de Júlio Denis e Camilo e depois sobrepostos ao fundo de costumes que o escritor se propôs descrever. Com efeito ou ali estão pescadores a sentir como burgueses românticos ou burgueses românticos a agir como pescadores.

Parece-nos contudo que é esta última hipótese a mais verosímil, porque, de vez em quando, mal disfarçado por trás do dialeto, é ainda o Sr. R. F. que, pela boca deles, nos surge a falar (António «cogitava: Pois não foge sempre de me encontrar?... Acaso alguma vez me foi esperar à prala como espera o João? Já me disse uma palavra, sequer, denunciadora dum affecto forte, capaz de prender dois corações?...»—pág. 132). Há assim duas esferas irreductiveis, nitidamente distintas:—a dos cos-

(Continua na página catorze)